

SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro na Literatura Portuguesa*, 1ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

Este é mais um título da série "Literatura" (nº 96), da coleção "Biblioteca Breve", promovida e editada pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa de Lisboa, cujo louvável propósito, conforme se anuncia na "orelha" da primeira capa, é "o de facultar à generalidade do público nacional e estrangeiro interessado e, sobretudo, a estudiosos das várias matérias versadas, uma iniciação a nível universitário nos temas que o plano da Coleção comporta, ao mesmo tempo que uma orientação básica para a investigação e reflexão mais desenvolvidas desses temas" Objetivo criteriosamente cumprido por Maria Leonor, de quem já conhecíamos o rigor da análise e o amor da minúcia, através do número 32 desta mesma coleção, intitulado *O "Horror" na Literatura Portuguesa*.

Com efeito, a persistente pesquisadora parece ter rastreado toda a tradição literária inesiana, não só a farta matéria nacional, mas ainda os ecos dela que se fizeram ouvir em solo espanhol e francês. A metodologia adotada para o arranjo e análise dos textos é a que convém à intenção da obra e ao volume do material recolhido: dividido em três áreas — "Poesia" (capítulo II), "Teatro" (capítulo III) e "Prosa" (capítulo IV) — procedeu-se à síntese crítico-descritivo de texto por texto, estabelecendo possíveis analogias entre a produção passada e a futura, num importante levantamento das modificações que se foram introduzindo sem corromper a essência do landário episódio medieval. É assim que nos deparamos com a curiosa incursão da Fantasia na História, responsável, por exemplo, pelas variadas "mortes" de Inês, ora apunhalada, ora degolada, e até envenenada; ou, ainda, pela distorcida figura de D. Pedro I, entre o cruel, sanguinário, justiceiro implacável, e o amante apaixonado, semi-louco, perdido num saudosismo visionário. Esta flexibilidade de interpretação tem seu extremo, como mostra a A., na perspectiva adotada modernamente por Herberto Helder, dos poucos que enfocaram os acontecimentos do ângulo do assassino: seu "Teorema" descortina um Pero Coelho cínico a ponto de ser complacente com os desmandos do Rei.

Em que pese ao rigor e à coerência na manipulação dos dados colhidos, dois pormenores merecem reparo, embora não cheguem a comprometer

o espírito da obra, consentâneo ao intuito “iniciatório” atrás referido: 1) o primeiro capítulo, “A Formação do Tema”, onde se reconstituem as mais antigas fontes literárias do mito talvez devesse ser precedido de um outro, que facultasse ao estudioso a *verdadeira* história de Pedro e Inês, aquela cujos detalhes desaguaram numa guerra civil. Ou seja: é preciso conhecer a realidade histórica para melhor avaliar o difusos contornos da lenda que ela gerou. Para o leitor menos habituado à tradição literária portuguesa, torna-se difícil identificar as personagens do drama, mormente porque ele envolve dois reinos, o de Portugal e o de Castela, e reis homônimos, D. Afonso XI e D. Afonso IV, relações sempre obscuras para quem vai “iniciar-se” no assunto. Uma síntese dos principais fatos históricos, que em nada descaracterizaria a concisão da obra e o seu núcleo comprometido com a Literatura, facilitaria, pelo contrário, intelecção mais precisa da copiosa herança inesiana; 2) no capítulo V, da “conclusão”, a A. resume significativos resultados do levantamento feito e que podem ser assim definidos: “Trata-se de um tema essencialmente poético, cuja índole, quer pelo temperamento nacional quer pelas próprias implicações do episódio, se exprimiu sobretudo em poesia e marcou ligeiramente o teatro, geralmente pouco próprio para ser representado, e o romance, que, exceto nos casos em que se afastou da situação histórica, cabe de preferência na designação de ‘prosa poética’” (p. 125). Talvez se a esta avaliação descritiva se acrescentasse uma análise crítica e interpretativa, que buscasse os significados profundos e as implicações da lenda com a mitogenia nacional, novos e ricos caminhos seriam abertos, para se somar aos tantos trilhados pela A. Por exemplo: por que não desenvolver um pouco mais, fundamentando-a, a idéia de “circularidade” que a trajetória do episódio inesiano acabou curiosamente percorrendo, de Garcia de Resende a Herberto Helder? (p.126).

Contudo, repetimos, estas ressalvas visam apenas a sugerir procedimentos que poderiam tornar mais completas as valiosas informações prestadas aos interessados. Mesmo sem tais adendos, a obra de Maria Leonor deve ser ponto de partida obrigatório para exame do assunto.

LÊNIA MÁRCIA DE MEDEIROS MONGELLI